



O CORPO COLONIAL: BATISMOS E INDIGÊNCIAS¹

THE COLONIAL BODY: BAPTISM AND INDIGENCIES

Teresa Beatriz Azambuya Cibotari²

Resumo: A questão dos retornados na sociedade portuguesa é um episódio marcado por silenciamentos na História recente. O presente trabalho, fundamentado nos estudos pós-coloniais e de identidade, toma por base o romance *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, narrado por uma mulher retornada. Pretende-se debater os processos de nomeação e de silenciamento operados pela narradora, bem como sua trajetória íntima da descoberta do corpo, buscando observar como essas estratégias elaboram simbolicamente a emancipação feminina e a insurgência relacionada ao contexto colonial.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Retornados. Corpo feminino. Isabela Figueiredo.

Abstract: The question of returnees in Portuguese society is an episode marked by silences in recent history. The present study is based on postcolonial and identity studies, uses as reference the novel *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), by Isabela Figueiredo, narrated by a returned woman. It is intended to discuss the naming processes and the silencing processes operated by the narrator, as well as her intimate journey of discovering your body seeking to observe how such strategies, symbolically elaborate the feminine emancipation and the insurgency related to the colonial context.

Keywords: Portuguese Literature. Returnees. Feminine body. Isabela Figueiredo.

¹ Artigo recebido em 11 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2021.

² Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutoranda e Mestra em Teoria da Literatura – Grupo de Pesquisa Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa. Fonte de Financiamento: CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2663-7264>. E-mail: teresabam@gmail.com.

O corpo pressuposto

Uma menina vestida de branco existiu, era filha de colonos portugueses, viveu em Moçambique, habitou o tempo colonial. Mas em que circunstâncias? Foi apenas uma ou foram muitas?

A resposta não é simples. Ela pode ter sido apenas uma, mas viveu num conjunto, habitado por muitas outras meninas talvez alvamente vestidas como ela. Há uma relação dialética entre indivíduo e sociedade instaurada nessa representação. As trajetórias pessoais, quando transpostas para o discurso histórico ou sociológico, são neutralizadas por um filtro que dissolve as marcas individuais, incluindo sob um mesmo espectro experiências particulares ocorridas de forma semelhante ou num mesmo período.

Ao conjunto de milhares de portugueses ou descendentes de portugueses que, partindo da África, desembarcaram em Lisboa, por ocasião do movimento de independência das ex-colônias, chama-se *retornados*. Dados estimam entre 500 e 800 mil (PERALTA, 2019) o número de colonos que voltaram ao seu país de origem nesse período, num processo abrupto e que crivou de marcas muitas trajetórias, tanto pessoais quanto coletivas.

O impacto deixado por esse processo é enorme. Apesar disso, há um silenciamento que circunda essas histórias, o que, sem dúvida, fez parte de um projeto político-narrativo. Margarida Calafate Ribeiro (2016), ao discorrer sobre as projeções pós-coloniais, considera que “o silêncio é essencial à história e à memória” (p. 29), mas reflete criticamente sobre a *desmemória* como um discurso não gratuito, construído com a finalidade de ditar “o que as sociedades devem esquecer e o que devem lembrar” (p. 28). Falar sobre os retornados implica retomar a Guerra Colonial, que, para os portugueses, constituiu uma “memória incômoda, difícil de assumir” (p. 30), tanto pelo regime anterior quanto posterior ao 25 de Abril. A isso, deve-se, em parte, tal silêncio.

No mesmo sentido, Peralta (2019) pontua que

a súbita chegada a Portugal de centenas de milhares de colonos residentes na “África portuguesa” devido às descolonizações destes territórios é dos temas menos estudados e menos compreendidos da história portuguesa contemporânea. Fora algumas exceções, as quais permitiram sociografar precocemente o contingente populacional envolvido nestas migrações das descolonizações, até tempos recentes foram poucas as análises sistemáticas dirigidas a esta população e às várias dimensões associadas à sua integração e acomodação na sociedade portuguesa aquando e depois do seu retorno africano (PERALTA, 2019, p. 311).

Os retornados, portanto, formaram um grupo de trajetórias que, além de inominadas, foram, por muito tempo, silenciadas nas análises históricas e sociais.

Nesse contexto, interessa-nos salientar o papel bastante peculiar que a Literatura desempenhou na ruptura desse silenciamento e dessa indigência. O texto literário realiza o processo inverso: reindividualiza e dá existência própria a essas trajetórias pessoais que sofreram um apagamento ao passarem pelo filtro do discurso histórico, ainda que isso se dê não por um processo de recuperação, mas sim, de representação, condicionada pela propriedade ficcional dos textos literários.

O gênero romanesco tem um papel singular nesse sentido. Se, por um lado, o discurso histórico coletiviza trajetórias, o romance, por sua vez, tem como propriedade essencial uma fidelidade à experiência individual. Ian Watt (2010) assinala que “O romance se diferencia de outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente” (WATT, 2010, p. 19). O autor evidencia, dessa forma, que o romance surge como expressão de uma nova perspectiva do homem moderno, em que a identidade individual tem grande importância.

Em tais aspectos, a menina vestida de branco passa a (re) existir; torna-se narradora de um romance, como ocorre no *Caderno de Memórias Coloniais* (2018), de Isabela Figueiredo, abrindo-nos os olhos para sua condição e para as circunstâncias em que se fundava o aparato colonial constituído no período pré-independência, em Moçambique. A obra traz a história de uma mulher *retornada*, que, pela operação da memória, volta ao espaço e ao tempo colonial moçambicano em que viveu, reconstruindo, especialmente, sua relação com o pai, mas também revelando as formas do corpo colonial constituído em Moçambique naquele período. Tratamos de *corpo* colonial, primeiro porque a descoberta do corpo físico é parte importante da construção íntima da narradora na obra. Ademais, porque o romance revela um sistema articulado de opressão, encabeçado pelos pressupostos de uma ação imperial baseada na superioridade dos brancos, e posto em prática especialmente pelas mãos do pai da protagonista, na sua relação com os demais personagens.

No presente trabalho, o referido romance será analisado de forma a debater de que maneira a elaboração literária trata os processos de *silenciamento* e de *nomeação*, uma vez que a narradora do romance, ao reconstruir sua trajetória, também opera tais processos em relação aos outros personagens. O objetivo da análise é colocar a narradora-protagonista da obra não como elemento paciente dos procedimentos de nomeação e silenciamento, mas sim, como elemento agente. Assim, suas escolhas em atribuir ou suprimir nomes dos personagens com os quais se relaciona também podem produzir efeitos de silenciamento ou de emersão, o que produz um sentido específico e espelha, de certo modo, os processos externos à obra.

Gestar o corpo: a indigência emancipadora

O romance *Caderno de Memórias Coloniais* anuncia, desde seu título, que o relato nele contido é da ordem íntima e não tem compromisso com ordenações ou regularidades na recomposição dos fatos. Por ser um caderno, sugere-nos um conjunto de anotações. O caos da reconstrução memorialística é considerado como plausível desde a epígrafe que abre o livro: “A memória humana é um instrumento maravilhoso mas falível. [...]” (FIGUEIREDO, 2018, p. 29).

A estrutura segue nessa mesma linha, sendo composta por episódios nos quais ingressam diversos personagens, numa narrativa em primeira pessoa. No entanto, ainda que possamos desconfiar de uma estrutura assim episódica, a partir da voz da memória, é preciso notar um recurso sutil empregado pela narradora, que a situa num lugar de bastante lucidez:

Disse alto, com voz forte e jovial, muito perto da minha cabeça:
- Olá!
Era um olá grande, impositivo, ao qual me seria impossível não responder. Reconheci a sua voz, e, ainda no sono, pensei, não podes ser tu; tu já morreste.
E abri os olhos.
(FIGUEIREDO, 2018, p. 31)

Só depois de abrir os olhos é que a narradora-protagonista inicia seu relato. Os capítulos do romance só começam a ser numerados após essa cena inicial, o que nos coloca diante de uma dupla questão: se, por um lado, deparamo-nos com a possibilidade de uma narrativa instável, feita a partir da memória, por outro lado, somos situados diante de um olhar aberto e alerta, que volta a seu passado, na pretensão de enxergá-lo com nitidez. Tal ambientação apresenta-nos uma narrativa em trânsito, oscilando entre o fluxo estilhaçado da memória e o relato lúcido e contundente acerca do contexto colonial.

Tal procedimento narrativo evidencia, nesse sentido, a própria situação da personagem que, retornando à infância e ao espaço moçambicano, revive a experiência particular, articulada, principalmente, em torno da figura do seu pai. Contudo, mesmo que os fatos orbitem em torno desse pai, mesmo que essa reconstrução se dê pelo filtro caótico da memória, a exposição dos problemas sociais advindos da luta pela independência das colônias e da urgência do retorno dos colonos a Portugal é feita de modo bastante direto e incisivo.

Importa notar, então, que as escolhas narrativas feitas ao longo da obra alinham-se a esse duplo movimento. A construção dos personagens também se dá de modo a tornar nítida essa oscilação entre a experiência íntima e o mundo externo que a afeta, até mesmo porque a construção sobre o *outro* é parte imprescindível do processo de criação de *si*. Bakhtin (2011) trata justamente dessa questão, ao discutir o valor do “corpo” na criação de personagens:

é de suma importância o lugar singular que o corpo ocupa como valor em relação ao sujeito em um mundo singular concreto. Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento, é um corpo exterior (BAKHTIN, 2011, p.44).

Assim, para redefinir sua experiência íntima, a narradora de *Caderno de Memórias Coloniais* (2018) opta por fazê-lo na relação com diversos personagens, constituindo microrrelatos que fundamentam a reorganização da sua trajetória individual. Isso porque, ainda segundo Bakhtin (2011),

o corpo não é algo que baste a si mesmo, necessita *do outro*, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora. Só o corpo interior - a carne pesada - é dado ao próprio homem, o corpo exterior é antedado: ele deve criá-lo com seu ativismo (p. 48).

Os personagens com os quais a narradora interage constituem parte do processo de formação pessoal formulado a partir da memória. O menino preto de quem a narradora pensa ter engravidado, aos dez anos, é um exemplo dessa construção:

Havia o filho do vizinho preto. O que comprou a casa do lado, na Matola, a que tinha a mafurreira na esquina traseira que dava para o telhado na nossa garagem.
Um garoto da minha idade. Eu subia pelo limoeiro velho para fugir à minha mãe, falar sozinha, brincar com os gatos e imaginar mundos novos, um outro mundo reconstruído. Aquele não servia. (FIGUEIREDO, 2018, p. 67).

Num olhar superficial, esse é apenas mais um caso de denúncia da situação contrastante entre a vida dos brancos e dos negros, na sociedade colonial em Moçambique. No entanto, até esse momento do romance, as diferenças sociais que compunham o mundo colonial eram apresentadas de forma transparente, mas não julgadas de forma explícita pela narradora. Neste momento, porém, ela afirma: *Aquele [mundo] não servia*. Apesar da inocência da cena, visto que a menina pensava estar grávida, ainda que só houvesse conversado com o garoto, há uma tomada de consciência acerca daquele universo sobre o qual ela sentencia. O que se vislumbra, no caso, é um pequeno lampejo de emancipação, ou seja, a menina não está mais apenas colada às impressões do pai, mas passa a externar sua avaliação acerca do mundo colonial no qual ela transita. Corresponde, portanto, à inserção desse personagem, um momento de autonomia e de crescimento pessoal da narradora.

Do mesmo modo ocorre nos episódios em que surge o seu primo, que vai lutar na guerra. Nos capítulos em que é narrada a trajetória desse personagem, a crueldade da guerra colonial e as acentuadas diferenças entre os brancos e os ne-

gros é mais uma vez escancarada. Há um espectro de desigualdades expostas, que vão desde a questão lexical: “O meu primo nasceu em Lourenço Marques e nunca pronunciou as três sílabas muito difíceis da palavra Maputo. Ma-pu-to. As cinco de Lourenço Marques fluíam líquidas. Muito brancas.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 87).

Aspectos mais fundamentais, como o valor da vida, também são alvo da reflexão da narradora, nesse momento: “A vida de um preto valia o preço da sua utilidade. A vida de um branco valia muito mais, mesmo que não valesse grande coisa.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 88).

Importa notar que a culminância dos três capítulos que trazem a personagem do primo se dá com um momento importante da trajetória da narradora-protagonista, em que ela desperta para a sexualidade: “O meu primo acordou o meu primeiro desejo, e, uns anos mais tarde, matou-se” (FIGUEIREDO, 2015, p. 91). O ingresso dessa personagem inominada na narrativa torna relevante um importante passo da reconstrução íntima da narradora, o que é feito num momento de extrema exposição das desigualdades do sistema colonial.

Assim, a elaboração estética do romance em questão transita entre os espaços de revelação social e de reconstrução interior. O sentido que tal formulação engendra não é apenas pendular, ou seja, mero trânsito entre a trajetória individual e a coletiva. Quando a narradora-protagonista retrata a opressão colonial ao mesmo passo em que reconstrói sua própria trajetória de crescimento, ela estabelece uma relação entre sujeito e alteridade que é essencialmente necessária para sua autossignificação. Nesse sentido, Bakhtin (2011) aponta que “só na vida assim percebida, na categoria de *outro*, meu corpo pode tornar-se esteticamente significativo” (p. 54). Assim sendo, a narradora que retorna à infância só encontra sentido quando se reconstrói na sua relação com o outro.

Por isso, a escolha e a formulação dos personagens produz um sentido específico. Os dois casos recentemente analisados são diferentes: um personagem é negro, outro é branco, mas ambos não recebem nome. O ponto de interseção entre essas duas trajetórias inominadas é que elas revelam aspectos de emancipação da narradora-protagonista. O filho do vizinho preto desperta sua capacidade de sentença: ela deixa de simplesmente expor as diferenças sociais e a opressão do sistema colonial, passando a julgar esse contexto, dizendo que ele não servia. Do mesmo modo ocorre com o primo, quando se dá o despertar do desejo sexual.

A escolha de não dar nomes a personagens tão significativos pode ser lida em dois sentidos: na primeira direção, podemos pensar que, como constroem momentos impactantes da trajetória pessoal da protagonista, a dissolução de suas referências e de suas individualidades dá-lhes certa proteção, preserva-os de julgamentos. Por outro lado, tal procedimento narrativo nivela tais personagens com a

própria narradora, que também não diz sua identidade, não tem nome; são personagens indigentes e íntimos, que auxiliam no processo de reconstrução individual da protagonista. Não têm nome porque são *outros*, mas são também parte do *eu*.

Dizer o nome do corpo: o batismo de denúncia

O percurso de amadurecimento da narradora de *Caderno de Memórias Coloniais* (2018) é habitado por muitos outros personagens. Eles vão surgindo quadro a quadro, como peças importantes no jogo de reconstrução da experiência íntima. O elemento de permanência sempre é dado na relação da protagonista com o pai, mas é a inserção dos demais personagens que faz, de certo modo, avançar a narrativa.

Nesse rol de peças-chave, um dos primeiros personagens batizados que aparece no romance é Luisinho: “O miúdo era, obviamente, branco, filho de vizinhos de confiança, gente boa da metrópole.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 48). O encontro entre os dois dá-se na rua, num dos poucos momentos em que a narradora (nessa altura ainda bem menina) sai a brincar fora do alcance dos olhos mãe. Luisinho convida-a “a brincar de foder”. Os dois entram numa casa abandonada, despem-se, e o menino põe-se em cima dela. Apesar de o fato em si parecer extremamente sexual, a cena é tomada de inocência, visto que nenhum dos dois sabia exatamente do que se tratava aquilo: “Jogar a foder?! Ora, aí estava uma brincadeira que não conhecia, nunca tinha jogado na escola e não imaginava mesmo como seria. Devo dizer que o Luisinho tinha também apenas uma vaga ideia (...)” (FIGUEIREDO, 2018, p. 48). O momento termina com o pai da narradora encontrando os dois nessa incômoda situação. A menina relata ter apanhado muito do pai, em razão do fato, e é nesse contexto de opressão que ela amadurece: “Nesse dia longínquo de 1970 perdi a inocência, e comecei a sonhar que fodia com o Gianni Morandi enquanto ele me cantava *Non son degno di te, / no ti merito più*” (FIGUEIREDO, 2018, p. 50, grifos da autora).

Esta cena é bastante emblemática. Embora possamos observar que se trata de mais um momento de amadurecimento da narradora, o processo ocorrido aqui é diverso daquele verificado na relação com os personagens inominados anteriormente analisados. O crescimento se dá pelo pela opressão do pai, que é um processo revestido de violência. Não se trata, portanto, de uma emancipação, visto que a menina tem um aprendizado forçado que não parte de uma auto-consciência sobre o mundo, como no caso dos personagens anteriores.

É necessário esclarecer o sentido de emancipação que embasa esta análise da relação da narradora do romance com os demais personagens. Há de se considerar que se trata de uma trajetória pessoal construída num estreito

diálogo com um contexto opressor e desigual, como é o contexto colonial. Nesse sentido, interessa-nos pensar na emancipação como um processo que parte do indivíduo e que

expressa um tipo especial de autoexperiência em que processos de autoentendimento se cruzam com um ganho em termos de autonomia. Autonomia refere-se, aqui, à condição de se relacionar com as pessoas de modo igualitário, uma relação de sujeito a sujeito livre de coações, pressupondo a autoexpressão e o reconhecimento do indivíduo, bem como uma identidade pautada pela postura crítica frente ao mundo, aos outros e a si próprio (ALMEIDA, 2017, p. 3).

No caso da narradora-protagonista de *Caderno de Memórias Coloniais* (2018) é evidente que a autoexperiência se dá de forma diferente na relação com a alteridade. No caso dos personagens que chamamos de indigentes, é notável a construção de uma identidade autônoma e dotada de expressão por parte da menina que fala sobre seu desejo sexual e sentencia sobre o mundo em que vive. O mesmo não ocorre no episódio em que aparece Luisinho: ali, a menina está coagida e perde a inocência num aprendizado violento, que não abre espaço para a autoexpressão, própria ao processo de emancipação.

O contexto de violência é representado em outra personagem nomeada no romance: Marília é uma colega de aula da narradora, mulata. A protagonista volta-se contra ela: “Nunca tinha batido em ninguém, mas dei-lhe uma bofetada, porque ela me irritou, porque não concordou comigo, porque eu é que sabia e mandava e estava certa, porque ela tinha dito uma mentira, porque me tinha roubado uma borracha, sei lá por que lhe dei a maldita bofetada!” (FIGUEIREDO, 2018, p. 78).

Mais do que apenas relatar um episódio da infância, a narradora explicita uma violência que exerceu replicando a ação do pai, o qual, por sua vez, também replicava todo o sistema colonial daquele período. Neste momento da narrativa, ela já tinha consciência das diferenças fundantes do sistema: “Foi premeditado. Tinha pensado antes, se ela voltar a irritar-me, bato-lhe. Podia perfeita e impunemente bater-lhe. Era mulata. (...) Queixasse-se e depois?! Eu era branca.” (FIGUEIREDO, 2018 p. 78). A tônica desse quadro é justamente a expressão de uma fraqueza da protagonista, no sentido contrário de toda a consciência que vinha construindo até então, porque assume o lado do opressor e replica a violência colonial. Fica evidente, então, que o ingresso dessa personagem batizada remonta um episódio de opressão que revela de modo nítido a injustiça do contexto colonial.

Nesse sentido, percebemos que alguns dos episódios mais marcadamente violentos são protagonizados por personagens batizados, o que pode ser lido como uma forma de denúncia. Isso não significa que dizer o nome atribuído ao

personagem revele uma identidade real; trata-se, antes de tudo, de um mecanismo narrativo que constrói uma hierarquização dos personagens e que se presta a completar o sentido que toda a obra oferece. Forma e conteúdo afirmam que o sistema colonial é opressor e violento e que, portanto, deve ser denunciado.

O corpo recomposto

No romance *Caderno de Memórias Coloniais*, a narradora-protagonista retorna ao período da infância, passa a ser uma menina vestida de branco, como muitas vezes mencionado no romance, reconstruindo seu percurso no espaço moçambicano e revivendo o período colonial. A reelaboração empreendida gestada, pelo exercício da memória, não apenas o corpo individual dessa menina, que descobre a si na relação com os outros, mas também o corpo de um sistema colonial, articulado e notadamente opressor.

Os fatos narrados tornam-se, então, a vocalização da difícil experiência que foi viver nesse ambiente. A esse conteúdo enunciativo corresponde também uma forma enunciativa, ou seja as escolhas narrativas também operam de modo a denunciar violências e a evidenciar reações de cunho emancipatório. Assim, a composição de conjuntos diversos de personagens - nomeados ou indigentes - serve também para tornar nítidas as diferenças existentes no sistema colonial e para sublinhar o quanto essa problemática afetou a própria trajetória interna da protagonista.

O reconhecimento próprio que a narradora-protagonista empreende realiza-se porque ela apresenta o contexto colonial não apenas como cenário, mas como elemento fundante de sua trajetória. A construção de sua relação com todos os demais personagens é procedimento fundamental nesse processo, porque move a ação. É interessante notar que a narradora hierarquiza essas alteridades: há momentos em que se refere “aos brancos” e “aos negros”, apenas assim, num coletivo desmarcado e genérico; há ocasiões em que constrói personagens, mas não lhes dá nome - e nesses episódios está acenada uma etapa de emancipação dessa narradora, que também não se auto nomeia no romance; e há momentos em que ela se relaciona a outros personagens e batiza-os, individualiza e marca suas trajetórias, o que, como vimos, configura o sentido do dedo em riste, ou seja, aponta diretamente uma ação opressora ou violenta do sistema colonial.

A hierarquização narrativa proposta espelha, de modo invertido, os processos de silenciamento e vocalização que envolvem a problemática dos retornados: na obra em questão, a opressão é nomeada e denunciada; a emancipação, a descoberta de um corpo liberto é protegida sob um certo anonimato que coletiviza a experiência. Assim sendo, o exercício da memória recompõe o corpo que se

propôs a reencontros e enfrentamentos; o corpo que vocaliza uma experiência traumática tanto particular quanto coletivamente. E é nessa posição de absoluta consciência de embate é que se encontra o corpo narrador do *Caderno de Memórias Coloniais*: “O meu corpo foi uma guerra, era uma guerra, comprou todas as guerras.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 160). A experiência do corpo narrativo faz surgir um corpo combativo e vocalizador, que traz à tona a memória, para muitos incômoda, dos retornados, dando-lhes visibilidade, representação e concretude.

Referências

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano. Identidade e emancipação. **Revista Psicologia e Sociedade**. n. 29. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e170998.pdf>. Acesso em 04 nov. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.

PERALTA, Elsa. A integração dos “retornados” na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação. **Análise Social**, v. 54, n. 231, p. 310-337, 2019. Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n231_a04.pdf. Acesso em 17 out. 2019.

RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate. **Geometrias da Memória: configurações pós-coloniais**. Portugal: Publisher Afrontamento, 2016.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.